



# Metáforas linguísticas culturais da terminologia do petróleo: o caso de Angola, Brasil e Portugal

Theciana Silva Silveira

Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, Av. dos Portugueses, 1966, 65080-805, São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: theciana.silveira@ufma.br

**RESUMO.** A metáfora vista enquanto recurso cognitivo da língua é entendida como um mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências humanas e está presente no cotidiano. Assim, a metáfora, como estratégia produtiva de nomeação, torna-se relevante também para análise do objeto dos estudos terminológicos descritivos de base linguística. Considerando essa realidade, o presente texto busca analisar e descrever metáforas linguísticas culturais no universo do petróleo, no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente nos países: Angola, Brasil e Portugal. Tomam-se como base teórica, a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980), e as metáforas culturais, de Kövecses (2000, 2005, 2007, 2010). Com relação aos aspectos metodológicos, considerou-se como fonte de dados a única obra terminográfica em língua portuguesa sobre o petróleo, abrangendo as três variedades do português dos países supracitados. O dicionário em questão, a que se denominou *corpus* lexicográfico, é monolíngue com equivalências em inglês. Por tratar-se de uma obra impressa, precisou ser digitalizada e tratada computacionalmente, para que fosse possível a manipulação de um volume tão grande de dados. Com relação às análises, foram apresentados seis conjuntos que põem em contraste as três variedades do português investigadas neste trabalho. Por meio das análises, foi possível observar que, ao nomear uma determinada entidade, evidenciam-se traços conceituais que muitas vezes diferem quando relacionados às diferentes variedades do português, isso porque, embora se trate da mesma língua, há sempre diversidade na conceptualização da realidade.

**Palavras-chave:** metáfora; variedades do português; terminologia do petróleo; CPLP.

## Cultural linguistic metaphors in the petroleum terminology: the case of Angola, Brazil, and Portugal

**ABSTRACT.** Metaphor, seen as a cognitive resource of language, is a fundamental mechanism for comprehending diverse human experiences and is present in daily life. As such, metaphor, serving as a productive naming strategy, is also relevant for analyzing the object of descriptive terminological studies based on linguistics. Given this reality, the current text aims to analyze and describe cultural linguistic metaphors within the petroleum universe, in the context of the Community of Portuguese-Speaking Countries (CPLP), with a special focus on Angola, Brazil, and Portugal. The theoretical foundation for this study is based on Lakoff and Johnson's (1980) Conceptual Metaphor Theory (CMT), as well as Kövecses' work on cultural metaphors (2000, 2005, 2007, and 2010). Regarding the methodological aspects, the only terminological work in Portuguese about petroleum was considered as the data source, covering the three varieties of Portuguese spoken in the aforementioned countries. The dictionary under consideration, which is referred to as a lexicographic corpus, is a monolingual work with English equivalents. Due to the fact that the work was in print format, it had to be scanned and processed computationally in order to facilitate the manipulation of such a large quantity of data. As for the analyses, this study presented six sets of data that contrast the three varieties of Portuguese investigated. Through analysis, it was observed that naming a particular entity highlights conceptual traits, which often differ across different varieties of Portuguese. This is because, although it is the same language, there is always diversity in the conceptualization of reality.

**Keywords:** metaphor; varieties of portuguese; petroleum terminology; CPLP.

Received on March 31, 2023.  
Accepted on November 27, 2023.

## Introdução

Como sabido, desde os primeiros trabalhos até os dias atuais, a metáfora tem sido objeto de investigação sob diferentes prismas. São inúmeras as abordagens que tratam da metáfora; entretanto, neste texto, ancoramo-nos na visão cognitiva, com base na Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Embora saibamos que essas teorias tenham sido bastante utilizadas como base de muitos trabalhos, sobretudo no que tange à TMC, entendemos que cresce também o número de trabalhos que buscam ampliar esse entendimento, pois mesmo que essas teorias apresentem a perspectiva ‘linguagem-cognição-cultura’, alguns autores acreditam que a face ‘cultura’ não tenha tanta força na teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980), por exemplo. Nesse sentido, pensando em dar ênfase ao aspecto ‘cultural’ nos estudos da metáfora, tomamos como base os estudos de Zóltan Kövecses (2000, 2005, 2007, 2010) que, dentre diversos autores da linguística cognitiva, destaca-se por trabalhar com estudos contrastivos da metáfora em diferentes línguas e culturas.

É a partir dessas reflexões que abordaremos o fenômeno da metáfora. Nessa perspectiva, buscamos descrever e analisar as metáforas linguísticas culturais da terminologia do petróleo, no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). É válido ressaltar que trabalhamos com metáforas linguísticas que, de acordo com Kövecses (2010, p. 43, tradução nossa) “[...] são manifestações linguísticas de metáforas conceituais”.<sup>1</sup>

Desse modo, este texto está organizado da seguinte forma: (i) alinhamento teórico acerca das metáforas linguísticas culturais; (ii) percurso metodológico; (iii) análises das metáforas visuais; e (iv) considerações finais.

### Por uma visão cultural da metáfora

Para iniciarmos nossa breve discussão acerca da variedade cultural da metáfora, é necessário voltarmos a um questionamento fundamental feito por Kövecses (2007, p. 14, tradução nossa<sup>2</sup>): “Em que medida e de que forma é o pensamento metafórico relevante para uma compreensão da cultura e da sociedade?” Para responder a essa pergunta, o autor afirma que é necessário considerar questões relacionadas a duas grandes áreas: 1) ciências cognitivas, nas quais estão inseridas a psicologia cognitiva contemporânea e a linguística cognitiva, e 2) ciências sociais, que incluem a antropologia em suas várias formas (simbólica, cultural, semântica etc.). Embora tratem de ciências que possuem escopos diferentes, alguns antropólogos, ao estudarem questões concernentes à metáfora, inspiraram-se na TMC para desenvolverem seus trabalhos, no entanto, ao fazerem isso, perceberam algumas limitações da teoria, pois ela não atende todas as suas necessidades. Uma dessas limitações, explicitada por Kövecses (2007, p. 14, tradução nossa) é que, “[...] como uma tendência geral, os linguistas cognitivos têm enfatizado demais a universalidade de algumas das estruturas metafóricas que encontraram e ignoraram os muitos casos de não universalidade em conceitualização metafórica”<sup>3</sup>.

A partir dessas reflexões, o autor faz outro questionamento: “Pode a visão linguística cognitiva da metáfora explicar simultaneamente a universalidade e a diversidade em metáforas do pensamento?” (Kövecses, 2007, p. 14, tradução nossa<sup>4</sup>). Para ele, para que isso seja possível, é necessário modificar, revisar e complementar o trabalho com a metáfora, de modo que se desenvolva um sistema atualizado e abrangente, tornando a teoria mais útil para pessoas que trabalham com as ciências sociais, por exemplo. Para isso, o autor apresenta trabalhos que já iniciaram, de certa forma, essas discussões entre linguistas e antropólogos, como o de James Fernandez (1991).

Outro ponto a ser resgatado na abordagem de Kövecses (2005) é o conceito de cultura, que o autor busca de antropólogos para relacionar metáfora e cultura, em suas próprias palavras ele afirma:

Em linha com algum pensamento atual em antropologia, podemos pensar na cultura como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos menores ou maiores de pessoas (por exemplo, D’Andrade, 1995; Shore, 1996; Strauss e Quinn, 1997). Essa não é uma definição exaustiva de cultura, na medida em que deixa de fora objetos reais, artefatos, instituições, práticas, ações e assim por diante, que as pessoas usam e participam em qualquer cultura, mas inclui uma grande parte dela: a saber, os entendimentos compartilhados que as pessoas têm em relação a todas essas ‘coisas’ (Kövecses, 2005, p. 1, tradução nossa, grifo do autor)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> “[...] are linguistic manifestations of conceptual metaphors” (Kövecses, 2010).

<sup>2</sup> To what extent and in what ways is metaphorical thought relevant to an understanding of culture and society?.

<sup>3</sup> “As a general tendency, cognitive linguists have overemphasized the universality of some of the metaphorical structures that they found, and they ignored the many cases of non-universality in metaphorical conceptualization.

<sup>4</sup> “Can the cognitive linguistic view of metaphor simultaneously explain both universality and diversity in metaphorical thought?”

<sup>5</sup> “In line with some current thinking in anthropology, we can think of culture as a set of shared understandings that characterize smaller or larger groups of people (e.g., D’Andrade,

E complementa:

Quando pensamos na cultura desta forma, a conexão entre a metáfora e a cultura surge de uma maneira direta dentro da estrutura linguística iniciada por George Lakoff e Mark Johnson (1980) no livro *Metaphors we live by*. Um dos principais pontos era que a metáfora não ocorre originalmente na linguagem, mas no pensamento. Em outras palavras, eles argumentaram que nós, na verdade, entendemos o mundo com metáforas e não apenas falamos/ nos comunicamos por meio delas. Assim, os entendimentos compartilhados sugeridos pelos antropólogos como uma grande parte da definição de cultura podem frequentemente ser entendimentos metafóricos. Eles podem ser metafóricos quando o foco da compreensão está em alguma entidade intangível, como o tempo, nossa vida interior, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais e instituições sociais e políticas. Em tais casos, as metáforas que usamos para entender esses intangíveis podem se tornar crucialmente importante na maneira como realmente experimentamos os intangíveis em uma cultura. Em suma, nesta visão da metáfora, as metáforas podem ser partes inerentes da cultura (Kövecses, 2005, p. 2, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Partindo das ideias propostas na TMC, as metáforas conceituais são baseadas, sobretudo, na experiência corpórea, que são consideradas potencialmente universais, podem ocorrer muito facilmente em diferentes línguas e culturas. Entretanto, Kövecses (2005) nos alerta que não devemos argumentar com base na ideia de que as metáforas corporificadas na experiência universal devam ser encontradas em todas as línguas e culturas, mas que, dadas a experiências universais em que elas são baseadas, elas podem ser potencialmente universais; mesmo assim não devemos esperar que iremos encontrá-las em todas as línguas.

Almejando uma visão que leva em consideração a universalidade e a diversidade da metáfora, Kövecses (2005) apresenta as dimensões da variação da metáfora e suas causas. Sobre as dimensões, o autor afirma que podem ser 'entre culturas' ou em uma 'mesma cultura', sendo a primeira a mais óbvia, razão pela qual muitos estudos são realizados com objetivo de evidenciar essas diferenças entre culturas. Kövecses (2005) afirma que existem algumas motivações universais que possibilitam o surgimento de certas metáforas em diferentes culturas.

Na dimensão entre culturas, 'transcultural', a variação pode ser observada de diversas formas, dentre elas, as 'metáforas congruentes', definidas por Kövecses (2005) através da relação entre a metáfora de um nível mais genérico e várias de nível específico. O autor ilustra essa relação ao tratar da metáfora 'A pessoa com raiva é um recipiente pressurizado', em que essa metáfora é apenas um esquema genérico, ela não especifica informações, como por exemplo, que tipo de recipiente é usado, como a pressão surge, se o recipiente é aquecido ou não, que tipo de substância preenche o recipiente, ou ainda, quais as consequências da explosão, todas essas informações não constam do esquema. Pensando nessas especificações, o autor esclarece que, no inglês, a raiva é um líquido quente, e no chinês, a raiva é um gás. Esse caso comprova a existência das metáforas congruentes, pois, mesmo que a metáfora tenha sua universalidade (nível mais genérico), as especificidades (líquido e gás) podem variar de acordo com a cultura (Kövecses, 2005).

Nesse sentido, Kövecses (2007) destaca

A metáfora constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a utiliza. Quando é preenchida, ela recebe um conteúdo cultural único em um nível específico. Em outras palavras, uma metáfora conceitual de nível genérico é instanciada por formas culturalmente específicas em um nível específico. Esse é um tipo de variação entre culturas (Kövecses, 2007, p. 19, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Já no que concerne à dimensão que trata da variação metafórica dentro de uma mesma cultura, Kövecses (2005) a subdivide em oito, são elas: social, étnica, regional, estilística, subcultural, diacrônica, desenvolvimental e individual. Para melhor visualização, elaboramos o Tabela 1, em que apresentamos cada uma delas.

Ao incluir aspectos culturais no estudo das metáforas, o autor pondera o quanto a variação da metáfora é importante, tornando-se igualmente fundamental para a visão universal da metáfora. É por meio dessas dimensões elaboradas pelo autor que se podem enxergar os primeiros passos em direção a uma teoria cognitiva-cultural da metáfora. Esse novo prisma é o que o ele chama de 'complemento natural' da visão experiencial. O autor ressalta que isso não quer dizer que a visão experiencial (Lakoff & Johnson, 1980) tenha

1995; Shore, 1996; Strauss and Quinn, 1997). This is not an exhaustive definition of culture, in that it leaves out real objects, artifacts, institutions, practices, actions, and so on, that people use and participate in in any culture, but it includes a large portion of it: namely, the shared understandings that people have in connection with all of these "things".

<sup>6</sup> "When we think of culture in this way, the connection between metaphor and culture emerges in a straightforward manner within the cognitive linguistic framework initiated by George Lakoff and Mark Johnson's (1980) work *Metaphors We Live By*. One of Lakoff and Johnson's main points was that metaphor does not occur primarily in language but in thought. In other words, they argued that we actually understand the world with metaphors and do not just speak with them. Thus, the shared understandings suggested by anthropologists as a large part of the definition of culture can often be metaphorical understandings. They can be metaphorical when the focus of understanding is on some intangible entity, such as time, our inner life, mental processes, emotions, abstract qualities, moral values, and social and political institutions. In such cases, the metaphors we use to understand these intangibles may become crucially important in the way we actually experience the intangibles in a culture. In short, on this view of metaphor, metaphors may be an inherent part of culture".

<sup>7</sup> "The metaphor constitutes a generic schema that gets filled out by each culture that has the metaphor. When it is filled out, it receives unique cultural content at a specific level. In other words, a generic-level conceptual metaphor is instantiated in culture-specific ways at a specific level. This is one kind of cross-cultural variation".

ignorado por completo a questão da variação, ela apenas não deu ênfase suficiente em fatores necessários para que fosse possível pensar em uma teoria cognitiva-cultural da metáfora (Kövecses, 2007).

**Tabela 1.** Subdivisão da dimensão da variação metafórica dentro de uma mesma cultura.

Dimensões	Kövecses (2005)
Social	Está relacionada à divisão da sociedade em homens e mulheres, jovens e velhos e classe média e trabalhadora.
Étnica	Refere-se à variação de grupo étnico para grupo étnico que pode combinar com fatores sociais.
Regional	Trata-se dos dialetos nacionais e locais. Ex: <i>o inglês britânico e americano</i> .
Estilística	É determinado por vários fatores, como público, assunto, contexto e meio. Todos podem influenciar a seleção e uso de metáforas no discurso. Ex: <i>gíria</i> .
Subcultural	Está relacionado a subculturas, grupos, em que seus membros desenvolvem suas próprias metáforas, como grupos religiosos, por exemplo.
Diacrônica	Remete à mudança das metáforas ao longo do tempo, como <i>o funcionamento da mente humana</i> ; atualmente é imaginado na analogia do computador, porém outrora foi relacionado a outros universos, como relógios, modelos hidráulicos.
Desenvolvimental	Está relacionada aos estágios de desenvolvimento humano, quando se pensa nas diferenças encontradas quanto à compreensão de metáforas.
Individual	Refere-se ao fato de os indivíduos costumarem ter suas metáforas idiossincráticas, ou seja, pela criatividade de cada falante.

Fonte: Adaptado de Kövecses (2005).

Se tomarmos como base as premissas de Kövecses relacionadas às dimensões ‘entre culturas’ e ‘mesma cultura’, podemos elaborar análises de acordo com suas postulações, entretanto, consideramos que olhar para nossos dados com as lentes dessa teoria seja uma árdua tarefa, pois, para isso, teríamos de fazer escolhas teóricas a respeito de conceitos como o de ‘cultura’, por exemplo. Como a ideia deste texto é apresentar o lado cultural da metáfora cognitiva, acreditamos que não seja necessário nos adaptarmos a teorias já estabelecidas, mas utilizar aspectos importantes dessas teorias que contribuam com nossas explicações para que possamos esclarecer melhor a metáfora cognitiva-cultural. Kövecses, com sua divisão, nos ajuda a compreender melhor esse viés da metáfora e, para isso, consideraremos aqui que as metáforas apresentadas podem estar relacionadas tanto a uma dimensão ‘entre culturas’, como de uma ‘mesma cultura’.

Esse aspecto nos interessa porque trabalhamos com uma mesma língua (língua portuguesa), porém com três variedades (Angola, Brasil e Portugal), que remetem, na nossa visão, a três culturas diferentes, pois entendemos que cada uma delas enxerga uma determinada realidade a partir de sua cultura específica, ou seja, da sua formação histórico-social-cultural, a qual, em algum ponto, se cruza, mas que ao longo dos anos construíram suas peculiaridades. Sobre a situação atual do português, Oliveira (2013) afirma que

A língua ocupa oficialmente 10,7km<sup>2</sup> e está presente na América, África, Europa e Ásia – nesta ordem em termos demográficos – e tem de 221 a 245 milhões de falantes como primeira língua ou como segunda língua em variados graus de proficiência, número que cresce em velocidade moderada, com grandes variações entre continentes: baixo crescimento na Europa e na Ásia, médio crescimento na América do Sul e grande crescimento na África Meridional, hoje maior polo de crescimento vegetativo do idioma (Oliveira, 2013, p. 55).

Considerando essa situação do português, é notório que em cada continente/país o crescimento do número de falantes depende diretamente da sua situação histórica, política e social, uma vez que, nos países da África, em que se tem o português como língua oficial, isso se dá de forma diferente, pois em Angola, por exemplo, de acordo com a CPLP, além do português, são falados outros idiomas, sobretudo o umbundo, kimbundu, kikongo e tchokwé. A presença de outras línguas como língua oficial, além dos dialetos falados pelos grupos étnicos, demonstra a diversidade de línguas presentes nesse país, logo, não podemos dizer que Angola possui a formação histórico-cultural que Brasil e Portugal, embora, em algum ao longo da história, tenha havido momentos em comum. Ainda que esses países compartilhem a mesma língua e, com isso, grande parte da cultura, acreditamos que para desenhar um retrato mais próximo de uma determinada realidade devemos abranger também os fatores político, econômico e social.

Esses fatores ganham espaço quando pensamos na exploração e na produção do petróleo e gás, pois cada país possui empresas de referências que foram fundadas em contextos diferentes, por meio de interesses políticos e econômicos da época em que foram pensadas, visando objetivos específicos. Esses diferentes contextos nos levam a um léxico especializado (petróleo) que, embora esteja em língua portuguesa, apresenta expressões linguísticas particulares e representa a forma de enxergar uma determinada realidade; nesse mesmo sentido, Oliveira e Isquerdo (2001) afirmam que

[...] o universo lexical de um grupo sintetiza sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura (Oliveira & Isquerdo, 2001, p. 9).

Ao contrastar as três variedades do português aqui tratadas, observamos que poderíamos aliar à visão cognitiva as particularidades culturais. Assim, tomando como ponto de partida a proposta de Kövecses (2000, 2005, 2007 e 2010), apresentaremos uma visão cognitivo-cultural, baseada na busca de dimensões e causas da metáfora.

Entendemos que as metáforas numa dada terminologia podem nos apresentar uma maneira particular de conceber a realidade do falante. Assim, por meio das análises, observaremos que cada termo das variedades do português apresenta um traço específico evidenciado, aquilo que é mais relevante para a nomeação da entidade.

### Percurso metodológico

Para a realização deste trabalho, tomamos como base a obra terminográfica impressa intitulada Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás (DP), organizado por Eloi Fernández y Fernández, Oswaldo A. Pedrosa Junior e António Correia Pinho. Esse dicionário foi resultado de uma colaboração entre Angola, Brasil e Portugal, os três principais países produtores de petróleo no âmbito da CPLP.

Escolhemos essa obra por tratar-se do primeiro dicionário (e único, ao menos até agora) de petróleo em língua portuguesa, com a vantagem de incluir três variedades do português.

Para que a obra pudesse receber qualquer tratamento computacional, era necessário que estivesse em formato digital. Para isso, o dicionário foi desmontado, para que todas as páginas pudessem ficar dispostas uniformemente na mesa de digitalização. O equipamento utilizado foi uma máquina multifuncional (xerox + escâner) disponível na gráfica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Para a revisão da qualidade de digitalização, foi utilizado o programa ABBYY FineReader. Tanto a digitalização quanto a revisão foram realizadas por Clarissa Galvão Bengtson.

Após essa digitalização, o arquivo passou por um tratamento computacional. Esse tratamento consistiu na conversão do texto para o formato XML, de modo a permitir a inserção de etiquetas que indicassem todas as entradas em português, os equivalentes em inglês e o restante do verbete. Esse formato XML possibilitou a posterior transformação da totalidade do dicionário numa grande planilha Excel. Toda a parte computacional foi desenvolvida por José Pedro Ferreira, do CELGA-ILTEC (Portugal).

Assim, os materiais com os quais de fato trabalhamos foram: o DP impresso, o DP digitalizado em PDF e a planilha Excel.

De posse desses materiais, iniciamos a etapa de identificação e seleção dos termos a serem analisados com base na planilha de 'termos variantes', que contém os termos do DP que possuem correspondentes nas três variedades do português – Angola, Brasil e Portugal, além do equivalente em inglês. Com os dados dessa planilha, buscamos contrastar os termos utilizados para cada variedade do português e analisar, por meio das denominações, como cada país percebe uma determinada realidade, que pode ser verificada, sobretudo, pelo uso de metáforas.

Com a planilha organizada, partimos então para a seleção dos termos. Nesse caso, analisamos os termos em conjunto, formados pelas três variedades do português. Devido à grande quantidade de conjuntos, criamos três critérios básicos para selecionar quais seriam, de fato, analisados neste trabalho, a saber:

- critério 1: pelo menos um dos termos do conjunto deveria ser metafórico;
- critério 2: o(s) termo(s) metafórico(s) do conjunto deveria(m) manter relação com a definição apresentada no DP;
- critério 3: os traços conceituais deveriam estar relacionados à forma e/ou à função;
- critério 4: conjuntos que contivessem termos metafóricos mais transparentes.

Seguindo esses critérios, chegamos a um total de 6 conjuntos.

Depois de exposto de como se deu o processo de seleção dos termos, seguindo etapas e critérios metodológicos, apresentamos, a seguir, a análise dos dados.

### As metáforas linguísticas da terminologia do petróleo: Angola, Brasil e Portugal

Neste item, faremos o confronto entre os termos que variam de acordo com cada variedade do português selecionada para este trabalho, a saber: Portugal (PT), Angola (ANG) e Brasil (BR). Antes de iniciarmos as análises propriamente ditas, apresentamos, na Tabela 2, os termos selecionados para análise. A Tabela 2

possui quatro colunas, a primeira traz a numeração das linhas, para facilitar a identificação do grupo terminológico que está sob análise e, nas demais colunas, as variedades da língua portuguesa de Portugal, Angola e Brasil, respectivamente.

**Tabela 2.** Termos da área petróleo nas variedades do português de Portugal, Angola e Brasil.

	Português		
	Variedade Portugal	Variedade Angola	Variedade Brasil
1	bloco no cimo da torre de sonda, bloco cimeiro	Ø	bloco de coroamento
2	conduta de controlo	Ø	linha de matar, linha de controle
3	Cruzeta	arvore de pistoneio	cabeça de produção
4	piano de válvulas	Ø	manifolde
5	pistão de controlo	Ø	gaveta cega
6	protecção anódica	protecção anódica	ânodo de sacrificio

Fonte: Autora.

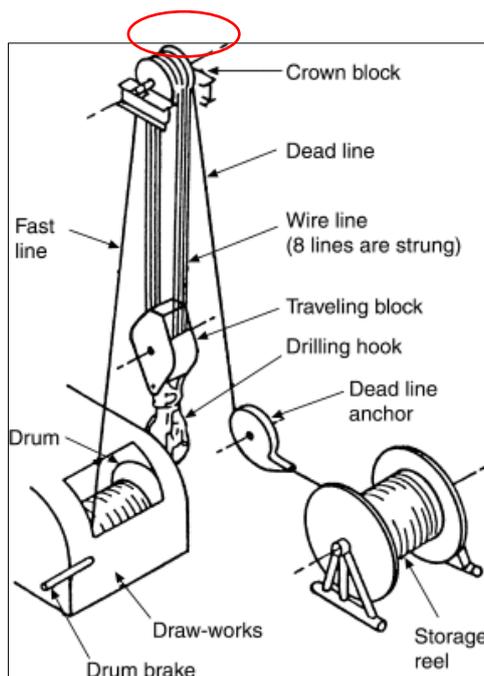
Feitas essas considerações, apresentamos as análises de seis conjuntos.

## Analises dos conjuntos metafóricos

### Bloco no cimo da torre de sonda, bloco cimeiro / bloco de coroamento

Este conjunto é definido pelo DP como o ‘Conjunto de polias, montadas no mesmo eixo instalado no topo da torre ou mastro de perfuração’. Na variedade de PT, os termos ‘bloco no cimo da torre de sonda’ e ‘bloco cimeiro’ estão relacionados à ‘posição’ do bloco, que se encontra no cimo, definido pelo Dicionário Porto Editora [DPE] (Infopédia, 2021) como ‘parte mais elevada; o alto; cume’. Por meio dessa acepção, entendemos que nessa variedade o termo refere-se ao bloco que está no cimo, no alto, como apresentado no DP. Em relação à variedade BR (‘bloco de coroamento’), a motivação também está relacionada à ‘posição’, entretanto, utiliza-se outro referente para associar a essa ideia, no caso de ‘coroamento’ – ‘coroa’ – que o Dicionário Houaiss [DH] (Instituto Antônio Houaiss, 2009) registra como o “ornamento de formato circular us. sobre a cabeça como insígnia de soberania ou nobreza, como emblema de vitória”. Essa associação é possível de ser compreendida quando pensamos na posição do ‘bloco’, que se localiza no topo da torre, bem como a coroa, na cabeça, parte superior do corpo humano, além da ‘forma’, traço evidenciado quando observamos na Figura 1 o seu formato, que é circular, e a posição na qual ele se encontra, lugar mais alto, como evidenciado na Figura 2.

Neste caso, consideramos as variedades de PT como descritivas, em relação à variedade de BR, que consideramos ser metafóricas.



**Figura 11.** Forma do ‘Bloco de coroamento’ (Azar (2004).



Figura 2. Posição do 'bloco de coroamento' (Crown block, 2021).

### Conduta de controle, linha de controle / linha de matar, linha de controle

Neste conjunto, registramos para PT: 'conduta de controle', 'linha de controle'; e para BR: 'linha de matar', 'linha de controle'. Nas duas variedades observamos o termo 'linha' como primeiro elemento do sintagma, como em 'linha de controle', 'linha de matar' e 'linha de controle'. No DH (Instituto Antônio Houaiss, 2009), em sua acepção geral, 'linha' quer dizer 'fio de fibras torcidas de linho, algodão, seda, sintéticas etc., us. em costuras, bordados, rendas etc.; corda fina; fio para atar'. Se pensarmos no uso de 'linha' no universo do petróleo, podemos associar à definição encontrada no DP '1. Linha de alta pressão que interliga o BOP (*blowout preventers*), na cabeça do poço, aos equipamentos de bombeamento. 2. Tubulação usada para injetar fluido de perfuração na cabeça do poço durante o controle de *kick*', em que destacamos o traço 'forma'. Para ilustrar, apresentamos a Figura 3.

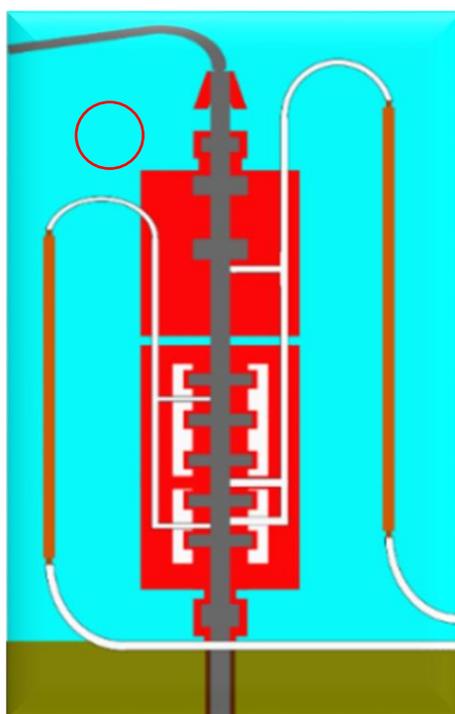


Figura 3. Linha de matar (Wikimedia, 2021).

Como foi possível observar, a ‘linha de controlo’ (PT) / ‘linha de controle’ (BR), é um tubo, equipamento que se assemelha a uma linha e que serve para controlar o poço, os fluidos, como forma de prevenção, assim como em ‘conduta de controlo’ (PT). Outro elemento importante na conformação de metáforas, neste grupo, é o segundo elemento do sintagma ‘linha de matar’; nesse exemplo, entendemos a metáfora por meio da personificação, em que ‘linha’ (objeto inanimado) ganha características animadas (matar). A palavra ‘matar’, no DH (Instituto Antônio Houaiss, 2009), está definida como ‘tirar a vida de; assassinar’, logo, apenas seres animados seriam capazes de cometer tal ato. Ao recorrermos à terceira definição apontada no DP, para este conjunto, temos: ‘3. Linha de ataque durante o controle do poço. → Utilizada para controlar o poço, bombeando-se fluido de perfuração de peso adequado para amortecê-lo ou ‘matá-lo’, se necessário’. Na própria definição do DP é possível observar que a entidade ora analisada também serve para ‘matar’ o poço, uma vez que em situações *blowout*, em que há a erupção ou escoamento descontrolado de fluidos como gás, óleo, atingindo a superfície de forma catastrófica, fazem-se necessárias intervenções como esta, de matar o poço.

### **Cruzeta, árvore de sucção de fluidos por êmbolo / árvore de pistoneio/ cabeça de produção**

Neste conjunto, registramos termos para as três variedades, entretanto, encontramos definições para cada uma delas, o que normalmente não ocorre no dicionário, pois o critério é de que apenas um termo apresente definição, os outros devem aparecer como remissivas. De acordo com nossas interpretações, as três definições remetem a uma mesma entidade, porém foram formuladas linguisticamente de maneiras diferentes; por isso, decidimos apresentar as informações na seguinte ordem: (i) definições, (ii) figuras e (iii) comentários.

#### 1. ‘cruzeta’ (Port.)/ ‘árvore de sucção de fluidos por êmbolo’ (Port.)

DP: Dispositivo usado durante as intervenções de completação e restauração para permitir o acesso de ferramentas da unidade de arame, cabo ou flexitubo à coluna. 2. Tubo curto com saída lateral, com três válvulas de bloqueio, duas colocadas na vertical e uma na lateral, permitindo o acesso de todos os equipamentos de arame, cabo ou flexitubo na vertical e bombeio ou retorno de fluido pela lateral.

#### 2. ‘árvore de pistoneio’ (Ang.)

DP: 1. Equipamento usado na extremidade superior da coluna durante uma operação com arame, cabo ou flexitubo, para se ter acesso lateral para retorno e/ou injeção do fluido. 2. Dispositivo similar a uma cruzeta, conectado à coluna de produção, dotado de pelo menos três válvulas de bloqueio, de acionamentos manuais e compatíveis com a pressão do poço. Duas válvulas são orientadas na vertical, alinhadas com o poço, e permitem passagem controlada dos equipamentos de indução de produção. Uma outra válvula é acoplada lateralmente para direcionamento da produção.

#### 3. ‘cabeça de produção’ (BR)

DP: Equipamento especial que possui passagem para a coluna de produção e para o cabo elétrico de bombeio centrífugo submerso. 2. Em Portugal significa cruzeta e em Angola árvore de pistoneio. → Em poços terrestres, onde geralmente há baixa pressão no anular, é utilizado um flange bipartido com borrachas, conhecido como mandril eletrosu, que, quando pressionadas, garantem a vedação da coluna de produção e do cabo elétrico.

Observemos a Figura 4.

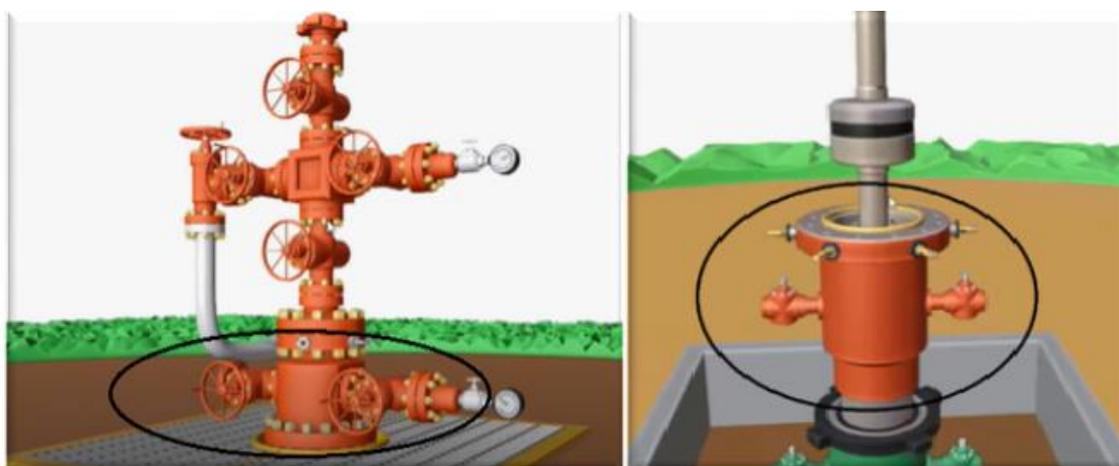


Figura 4. ‘Cabeça de produção’ (Silva, 2021).

Em se tratando da variedade de PT, registramos duas formas: ‘cruzeta e árvore de sucção de fluidos por êmbolo’. O primeiro termo, ‘cruzeta’, no DPE (Infopédia, 2021) é definido, em sua acepção geral, como ‘cruz pequena’, no sentido figurado, como ‘qualquer objeto em forma de cruz’; com base nessas acepções, é possível inferir a motivação da metáfora *cruzeta* por meio do traço ‘forma’. ‘Cruzeta’ no universo do petróleo é um ‘Tubo curto com saída lateral, com três válvulas de bloqueio’, essa caracterização da entidade lembra o formato de uma cruz, que é denominado também como ‘cruzeta’. Para além dessas informações, registramos ainda essa motivação na segunda definição apresentada para ‘árvore de pistoneio’ (Ang.): ‘2. Dispositivo similar a uma cruzeta, conectado à coluna de produção, dotado de pelo menos três válvulas de bloqueio, de acionamentos manuais e compatíveis com a pressão do poço’. Na própria definição da variedade de ANG há uma analogia, por meio da semelhança da entidade com a forma da cruzeta, o que deixa mais clara a motivação da metáfora ‘cruzeta’. Ainda no que tange à variedade de PT, o sintagma expandido ‘árvore de sucção de fluidos por êmbolo’ também apresenta uma visão metafórica, entretanto, ela se dá no primeiro elemento ‘árvore’. Nessa metáfora, a motivação também está relacionada ao traço ‘forma’, uma vez que o conjunto de peças acopladas à cabeça de produção assemelha-se a uma árvore, mais especificamente a um pinheiro, em que as válvulas correspondem aos galhos. Em relação aos outros elementos do sintagma expandido, ‘de sucção de fluidos por êmbolo’, observamos que eles descrevem a função da entidade em análise, pois esse dispositivo serve para sugar (sucção) o óleo (fluido) por meio de um objeto cilíndrico (êmbolo).

Para a variedade de ANG, registramos ‘árvore de pistoneio’. Nessa variedade, o termo metafórico, como na variedade de PT, também é ‘árvore’, como já explicitado, e a relação de semelhança se dá pelo traço ‘forma’. Quanto a ‘pistoneio’, no DPE (Infopédia, 2021), pistão é definido como ‘peça que se move num corpo cilíndrico por pressão de um fluido; êmbolo’, termo que descreve a função da ‘árvore de pistoneio’.

No que concerne à variedade de BR, foi registrado o termo ‘cabeça de produção’. É o primeiro elemento do sintagma, ‘cabeça’, que consideramos como metáfora, uma vez que esse elemento faz relação com o universo do corpo humano. No verbete do DP, é na definição da variedade de ANG que encontramos a relação entre ‘cabeça’ (petróleo) e ‘cabeça’ (corpo humano), como podemos observar ‘Equipamento usado na extremidade superior da coluna durante uma operação’. O traço evidenciado nessa metáfora é ‘localização’, pois assim como a cabeça fica na parte da extremidade superior do corpo humano, a ‘cabeça’ (petróleo) fica na coluna. Os outros elementos do sintagma estão relacionados à produção de petróleo, por isso, ‘cabeça de produção’.

### Piano de válvulas / manifolde

Para ‘piano de válvulas’ (PT) e ‘manifolde’ (BR), o DP apresenta a seguinte definição: ‘Conjunto constituído de válvulas e acessórios, que permite a manobra e interconexão entre vários fluxos de entrada e diversos canais de saída. Como exemplo, um manifolde submarino permite a conexão entre árvores de natal molhadas, outros sistemas de produção, tubulações e *risers*, servindo assim para o direcionamento da produção de vários poços’.

A partir da definição apresentada, buscamos compreender as associações feitas com base nos termos das variedades de PT e BR. Em se tratando de ‘piano de válvulas’, é possível inferir a metáfora por meio do traço ‘forma’, uma vez que, quando pensamos na estrutura física desse conjunto de válvulas, observamos uma forma que lembra um piano, só que, em vez de teclas e cordas, temos válvulas. Vejamos a Figura 5.



Figura 5. ‘Manifold’ (Oil Wells Manifold (2021)).

Ao analisarmos o termo ‘manifolde’ (BR), constatamos que esse é um empréstimo do inglês *manifold*, com mudança morfofonológica. Assim, buscamos compreender o conceito por meio da tradução do termo inglês, que quer dizer muitos, vários, múltiplos, o que nos permite relacionar ao traço ‘quantidade’, pois essa entidade é composta por várias válvulas.

### Proteção anódica/ protecção anódica/ ânodo de sacrifício

Para este conjunto, a definição apresentada no DP é ‘Peça metálica colocada em equipamentos submersos para ser corroída em lugar de outras partes expostas às ações corrosivas do meio’. Com base nessa definição, é possível entender o que é e para que serve a ‘proteção anódica’ (PT e ANG) / ‘ânodo de sacrifício’ (BR). Ambas as formas são compostos sintagmáticos, tendo como elemento em comum: ‘anódica’ (adjetivo) / ‘ânodo’ (substantivo) que, tanto no DH (Instituto Antônio Houaiss, 2009) como no DPE, apresentam definição semelhante com rubrica da Física, trata-se do eletrodo no qual ocorre a oxidação, conceito esse bastante parecido com o apresentado pelo DP. Para melhor ilustrar, vejamos a Figura 6.



Figura 6. ‘Ânodo de sacrifício’ (Wikipédia, 2021).

Ao observarmos as imagens, é possível identificar o ‘ânodo’, que é a peça metálica em si. Quando pensamos no outro elemento do sintagma, vemos uma diferença entre as nomeações dadas pelas variedades PT, ANG e BR. Para PT e ANG, temos ‘proteção’; e para BR, ‘sacrifício’. Essas formas evidenciam traços diferentes de uma mesma entidade. No DPE (Infopédia, 2021), proteger quer dizer ‘dispensar proteção a, tomar a defesa de, colocar ao abrigo de; preservar; abrigar; guardar, favorecer o desenvolvimento de’, ou seja, nas variedades de PT e ANG, ‘proteção anódica’ evidencia traços relacionados à função dessa peça metálica, que é a de proteger, preservar outras partes da oxidação. No que tange à variedade do BR (‘sacrifício’), o traço evidenciado está relacionado à ‘consequência’, que resulta na deterioração do metal; no DH (Instituto Antônio Houaiss, 2009), ‘sacrificar’, na sua acepção mais geral, quer dizer ‘oferecer-se em sacrifício’; nesse caso, o ‘ânodo de sacrifício’ é colocado para ‘morrer’, ou seja, ‘para ser corroído em lugar de outras partes’.

Com base nas variedades analisadas, ‘proteção anódica’ (PT e ANG) / ‘ânodo de sacrifício’ (BR), podemos inferir que PT e ANG evidenciam um traço, enquanto BR outro. É oportuno ressaltar que os termos de PT e ANG são os mesmos, o que nos permite afirmar que a variedade de ANG, geralmente, segue o modelo de PT.

### Algumas reflexões

Como visto nas análises, as variedades de PT, ANG e BR apresentam metáforas linguísticas que diferem de acordo com cada país, em alguns casos, usam o mesmo termo, como em PT e ANG. As diferentes formas de se designar uma mesma entidade é fruto de uma variação que engloba diversas causas. Há muitos trabalhos que se debruçam em explicar essas causas e como essa variação se dá em diferentes contextos. Pretendemos aqui levantar algumas causas, considerando o *corpus* lexicográfico, fonte de investigação deste trabalho, bem como explicitar particularidades do contexto de cada país que está envolvido nesse universo terminológico – petróleo.

Cabe, então, fazermos algumas reflexões acerca do contexto maior em que está inserida a terminologia do petróleo. Tomando como base as reflexões teóricas apresentadas de Kövecses relacionadas às dimensões e às causas da variação, consideramos que isso tenha sido suficiente para tecer as análises, buscando a perspectiva cultural da metáfora cognitiva. Nesse sentido, levaremos em conta a dimensão geográfica que sofre influência das causas históricas.

Importa relembrar que Portugal, Angola e Brasil integram a CPLP, organismo formado por mais seis ‘nações irmanadas por uma herança histórica, pelo idioma comum e por uma visão compartilhada do desenvolvimento e da democracia’ (CPLP). A CPLP, fundada em 1996, persegue os seguintes objetivos:

- A concertação político-diplomática entre seus estados membros, nomeadamente para o reforço da sua presença no cenário internacional.
- A cooperação em todos os domínios, inclusive os da educação, saúde, ciência e tecnologia, defesa, agricultura, administração pública, comunicações, justiça, segurança pública, cultura, desporto e comunicação social.
- A materialização de projectos de promoção e difusão da língua portuguesa (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP]<sup>8</sup>)

Por se tratar de três países, a dimensão mais evidente está relacionada ao fator geográfico, já que cada um deles está localizado em um continente, o que os distancia mais, tornando mais explícitas as suas particularidades: Portugal (Europa), Angola (África) e Brasil (América do Sul). Apesar da distância, temos que relembrar alguns fatos históricos que aproximaram esses países de modo que hoje eles tenham em comum a mesma língua, por exemplo.

No tocante à história, Brasil e Angola eram colônias de Portugal, o que justifica a língua portuguesa como língua<sup>9</sup> oficial desses países. Com a independência, primeiro a do Brasil em 1822 e, quase 200 anos depois, mais recente, a de Angola em 1975, eles deixaram de ser colônia de Portugal. Apesar disso, a grande influência portuguesa se faz presente até os dias de hoje, sobretudo em Angola, que viveu por muito mais tempo sob o comando de Portugal.

No que se refere especificamente à exploração do petróleo, cabe observar que, nos três países, ela é feita por meio de empresas renomadas de alcance internacional: a Partex (Portugal), a Sonangol (Angola) e a Petrobras (Brasil). Dado importante é que essas empresas, em parceria com outros organismos, financiaram a criação do DP, visando difundir os termos da indústria do petróleo em língua portuguesa, uma vez que a história dessa indústria é fortemente dominada pela língua inglesa. As criações dessas empresas remontam a tempos diferentes. A Partex, Companhia pioneira na indústria do petróleo e gás, existe há mais de 90 anos, foi fundada pelo Senhor Calouste Gulbenkian, que desempenhou um papel importante na gênese da indústria petrolífera no Oriente Médio, em 1928 (Fernández, Pedrosa Junior & Pinho, 2009). A Petrobras foi fundada em 1953, no segundo governo de Getúlio Vargas, e iniciou suas operações em 1954, assumindo o monopólio de extração de petróleo no Brasil até o final do século passado (D’Almeida, 2015). Já a Sonangol, empresa Angolana, foi criada em 1976, é constituída por empresas subsidiárias que operam, na sua maioria, em áreas que incluem: exploração, produção e comercialização de petróleo bruto, armazenamento e comercialização de refinados de petróleo.

É possível notar que, assim como na formação histórica desses países, a extração do petróleo foi feita primeiro em Portugal, o que nos permite dizer que, de algum modo, Portugal se torna referência para os outros países; no entanto, o Brasil, com sua extensão continental, grande domínio petrolífero e com a Petrobras, tornou-se também um país referência nessa área. Apenas Angola que, mais recentemente, começou a explorar petróleo e gás com a criação da Sonangol, que possui diversas subsidiárias, inclusive portuguesa.

Todas essas informações históricas e econômicas são importantes para buscar as causas da variação dos termos do petróleo. Embora estejamos tratando de uma mesma língua, são consideradas aqui três variedades. Uma das primeiras hipóteses que levantamos para entender as distintas metáforas linguísticas nos termos do petróleo é o fato de Angola ter tido a sua independência mais tardiamente e, por conseguinte, a extração de petróleo ser mais recente. Daí a razão de a nomeação de entidades desse universo especializado estar mais ligada à variedade de PT, já que Portugal possui mais tempo de exploração e mercado, o que favorece, em certa medida, a consolidação dos seus termos. Isso explicaria os casos em que a variedade de ANG utiliza os mesmos termos de PT, como pode ser visto na Tabela 2, na linha seis (‘proteção anódica’).

Outra observação que fazemos está relacionada à variedade do BR que, na maioria dos casos, é responsável pelas metáforas linguísticas, além de registrar mais termos simples. A variedade de PT, de modo geral, costuma ser mais descritiva, garantindo vários elementos na composição do termo, como podemos ver na linha um da Tabela 2: ‘bloco no cimo da torre de sonda’, que descreve exatamente o que é o termo, enquanto na variedade do BR, usa-se apenas ‘bloco de coroamento’.

<sup>8</sup> Recuperado em <https://www.cplp.org/id-2763.aspx>

<sup>9</sup> Ressalte-se a forte presença de outras línguas e dialetos no Brasil – indígenas, africanas e de imigração – e em Angola – línguas e dialetos de base africana.

Além dessas observações, percebemos que os traços que nos permitem fazer associações com diversos domínios são diferentes quando pensamos no contraste dessas variedades, em que uma foca na função e a outra está relacionada à 'forma'.

Ressaltamos, ainda, o fato de que na variedade brasileira há registros de empréstimos, como no caso de 'manifolde' do inglês *manifold*. O empréstimo é bastante recorrente na variedade de BR, embora tenhamos apresentado apenas um caso.

Com essa exposição, tentamos fazer algumas reflexões acerca dos termos metafóricos da terminologia do petróleo. As causas da variação do conceito da metáfora podem se dar por diferentes motivos, sendo primordialmente pelos aspectos geográficos que estão relacionados não só à questão do espaço, mas como esses espaços localizados em continentes diferentes foram formados, podendo ser vistos por meio da história. A história, por sua vez, permite-nos conhecer a construção identitária desse povo, e como as influências sociais, políticas e econômicas são de fundamental importância para a compreensão de uma determinada realidade, que podem ser refletidas por meio da língua.

### Considerações finais

O presente texto buscou investigar as metáforas linguísticas culturais da terminologia do petróleo nas variedades do português dos seguintes Estados-Membros da CPLP: Angola, Brasil e Portugal.

Pensamos para este momento fazer apenas algumas reflexões possíveis com base nos dados analisados, pois para tratar de questões mais específicas na visão cultural seria necessário adentrarmos mais na realidade da condição em que o DP foi produzido, quais 'corpora' foram utilizados entre outras questões. Limitamo-nos, portanto, a refletir, por meio dos 6 conjuntos analisados, a importância da visão cultural, ou seja, a busca de fatores que estão além do linguístico e cognitivo para entender uma realidade, no nosso caso, terminológica.

Por meio das metáforas linguísticas – manifestações na forma de palavras ou expressões das metáforas conceituais –, foi possível buscar as motivações bem como os traços conceituais evidenciados de cada variedade. Embora tratem de uma mesma entidade, ao utilizar determinado termo, os profissionais desse universo demonstram como o compreendem, deixando, por vezes, claras as associações que são feitas. No escopo da metáfora cognitiva, isso representa um reflexo da experiência cotidiana, que, por fim, está relacionada com o modo como cada sociedade vive, é formada e entende o mundo.

Sabemos que as análises apresentadas neste texto correspondem a uma parte da realidade da terminologia do petróleo, mas ainda assim revelam sua importância na investigação da metáfora na conformação dos termos desse universo. Os resultados obtidos e discutidos mostram a fecundidade desse campo do saber para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas. Tendo em vista tais considerações, entendemos que as metáforas constituem e estruturam também o pensamento científico, sendo intrínsecas às linguagens especializadas.

### Referências

- Azar, J. J. (2004). *Encyclopedia of energy*. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/topics/engineering/crown-block>
- D'Almeida, A. L. (2015). *Indústria do petróleo no Brasil e no mundo: formação, desenvolvimento e ambiência atual*. São Paulo, SP: Blucher.
- Crown block (2021). *Wikipedia*. Recuperado de [https://en.wikipedia.org/wiki/Crown\\_block](https://en.wikipedia.org/wiki/Crown_block)
- Fernandez, J. W. (1991). *Beyond metaphor: the theory of tropes in anthropology*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Fernández, E. F., Pedrosa Junior, O. A., & Pinho, A. C. (2009). *Dicionário do petróleo em língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon.
- Infopédia. (2021). *Dicionários Porto Editora*. Porto, PT: Porto Editora. Recuperado em 02/03/2021 de <https://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/mobile-apps>
- Instituto Antônio Houaiss. (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Kövecses, Z. (2000). *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Kövecses, Z. (2005). *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Kövecses, Z. (2007). Variation in metaphor. *Ilha do Desterro*, 1(53), 13-39.

Kövecses, Z. (2010). *Metaphor: a practical introduction*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Oliveira, G. (2013). Um atlântico ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI. In L. P. M. Lopes (Org.), *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.

Oliveira, A. M., & Isquerdo, A. N. (2001). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS.

Silva, A. (2021, Janeiro 19). *Você conhece a válvula de pistoneio da árvore de natal?* [Arquivo de vídeo]. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=R\\_bx\\_rHQnlU](https://www.youtube.com/watch?v=R_bx_rHQnlU)

Wikimedia. (2021). *Subsea blowout preventer*. Recuperado de [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Subsea\\_blowout\\_preventer\\_stack\\_riser\\_mud.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Subsea_blowout_preventer_stack_riser_mud.svg)

Wikipédia. (2021). *Metal de sacrifício*. Recuperado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Metal\\_de\\_sacrif%C3%ADcio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Metal_de_sacrif%C3%ADcio)